

# Linguística Indígena e Educação na América Latina

Lucy Seki (Org.)



## FONOLOGIA E GRAFIA DA LÍNGUA DA COMUNIDADE PARKATÊJÊ (TIMBIRA)

*Leopoldina Araújo*

Será aqui apresentado o sistema fonológico da língua falada na Comunidade Indígena Parkatêjê, residente na Área Indígena Mãe Maria, localizada no Km 30 da Rodovia PA-70, hoje município de Bom Jesus do Tocantins, sudeste do Pará, com o sistema ortográfico atualmente utilizado.

Falamos de sistema atualmente utilizado, porque, em 1977, ao apresentarmos a Dissertação de Mestrado, utilizamos a grafia oficial para línguas jê, que, no entanto, não se mostrou aceita totalmente. O fundamento desse sistema é a biunivocidade, isto é, a cada som distintivo (fonema) corresponde um símbolo e cada símbolo é utilizado pra representar um único fonema. Duas únicas situações fizeram-nos optar pela quebra dessa regra: a transcrição da oclusiva glotal /ʔ/, de ocorrência raríssima, embora distintiva, e a transcrição da semivogal /y/, conforme será explicado na seção correspondente.

Apesar de o povo Parkatêjê já estar em contato muito demorado com a sociedade envolvente (só na situação definitiva, mais de 30 anos), conhecendo muitos deles a ortografia da língua portuguesa, fizemos ver, quando surgiu a oportunidade dessa discussão, que a grafia de sua língua não deve ter qualquer compromisso com a da língua nacional, sobretudo no que tem esta de ambigüidades. Assim é que, para a grafia do fonema /k/ optamos por não utilizar a letra *c*, como encontramos em cartilhas do gavião-jê falado em Amarante-MA, mas sim, manter a letra *k* do sistema oficial referido, uso, aliás, generalizado na grafia de línguas indígenas.

### **1. Estrutura silábica**

O Parkatêjê tem um sistema silábico complexo, com ocorrência dos vários tipos de sílabas abertas e fechadas tanto em posição inicial

como medial e final, sendo a sílaba simples, constituída apenas por vogal, mais freqüente em posição medial e, em posição inicial, representada sobretudo pelos pronomes de pessoa. Os grupos consonantais em margem ascendente são sempre formados por uma bilabial (oclusiva ou nasal) ou uma velar mais a líquida /r/, de articulação [-tensa]; há outros grupos que se formam em situação de juntura, de que não trataremos no presente trabalho.

Em margem ascendente e descendente podem ocorrer as semivogais /y/ e /w/. Exemplificam-se abaixo os diferentes tipos de sílabas nas posições inicial, medial e final. Sua freqüência varia em função de posição na palavra.

<i>V</i>	<i>ipa</i>	<i>xaiti</i>	<i>krowao</i>
braço (EGO)	pinica-pau	tucunaré	
<i>CV</i>	<i>kukryt</i>	<i>pàtère</i>	<i>atõ</i>
anta	tamanduá	irmão	
<i>VC</i>	<i>amkro</i>	<i>iarkwa</i>	
sol a pino	boca (EGO)		
<i>CVC</i>	<i>kaikror</i>	<i>kamõkti</i>	<i>ikuk</i>
paneiro	cupim do pau	cara (EGO)	
<i>CCV</i>	<i>krare</i>	<i>ikrixwa</i>	<i>ikaprõ</i>
filhote	amigo formal	sangue (EGO)	
<i>CCVC</i>	—	<i>krukrukre</i>	<i>kukryt</i>
	coruja	anta	

Para transcrever os ditongos, usa-se o *w* para a semivogal labial e o *i* para a semivogal palatal, em margem descendente e *j* para esse fonema em margem ascendente. Embora haja alofones diferentes conforme a semivogal esteja em margem ascendente ou descendente, tanto com a labial como com a palatal, a transcrição de /w/ como *w* foi bem aceita desde o momento em que foi bem proposta; já para /y/, embora inicialmente tenhamos usado a letra *j* para os dois contextos, houve relutância dos usuários em aceitá-la, levando-nos a decidir por letras diferentes, conforme o contexto: *j* em margem ascendente e *i* em margem descendente.

<i>kruwa</i> flecha		<i>tawti</i>
[ʼkruaβ =] ~ [ʼkruw =]		[tawʼti]
<i>jujututi</i> tucano		<i>kroi</i> mucura
[zuʼzutuʼti] ~ [yuʼyutuʼti]		[ʼkrOy]

Existem na língua duas realizações [y], uma corresponde ao fonema semiconsonte /y/, a outra, ao fonema /h/, como será mostrado na seção correspondente, o que para a ortografia vai resultar em uma solução dependente dos usuários/falantes da língua. Nossa proposta inicial, quando /h/ ocorre em fronteira de morfema (em compostos, por exemplo), realizando-se como [y], é grafar o composto com hífen, grafando /h/ com *h*; o que tem acontecido é que em alguns casos, talvez pela perda de consciência da formação da palavra, os Parkatêjê estão escrevendo a palavra com os morfemas emendados e usando a letra *i*. Consideramos que a decisão final se dará no processo de uso pela Comunidade Parkatêjê, agora ampliado pelo funcionamento de uma escola de 5.<sup>a</sup> à 8.<sup>a</sup> séries, onde língua Parkatêjê é uma disciplina do currículo.

A intensidade é previsível em Parkatêjê: as raízes costumam ser mono ou dissilábicas, caso em que o acento recai na segunda sílaba, qualquer que seja sua vogal. Em compostos, cada palavra mantém seu esquema acentual. Assim, não há necessidade de marcar a sílaba mais forte. Os diacríticos utilizados no sistema ortográfico distinguem o timbre ou a nasalização nas vogais, como será mostrado adiante.

## 2. O sistema vocálico

A língua falada na Comunidade Parkatêjê opera com dezesseis vogais, das quais dez orais e seis nasais, conforme se apresenta a seguir.

### a) Oraís

central:

/a/	<i>atõ</i>	<i>kra</i>	<i>ita</i>	<i>itar</i>
	irmão	paca	este	aqui

posteriores:

/Ë/	—	<i>krà</i>	<i>ikà</i>	<i>pàr</i>
	—	seco	pele (EGO)	árvore

/ë/	—	<i>pyp</i>	—	—
	—	poraquê	—	—

/ï/	—	<i>ikryt</i>	<i>py</i>	<i>pyt</i>
	—	nariz (EGO)	urucu	sol

/O/	—	<i>kroi</i>	<i>ito</i>	<i>kator</i>
	—	mucura	olho (EGO)	chegar
/o/	<i>ôkroti</i>	<i>krô</i>	<i>hitô</i>	<i>rôr</i>
		porcão	três	cupim do chão
/u/	—	‡ <i>prupruire</i>	<i>itu</i>	<i>pur</i>
	—	‡ pintada	baixo ventre	roça
anteriores:				
/E/	—	<i>kre</i>	<i>ite</i>	<i>tep</i>
	—	orifício	perna (EGO)	peixe
/e/	—	<i>kapêr</i>	<i>kêti</i>	<i>têkxà</i>
	—	bacaba	avô	local para jogo de flecha
/i/	<i>ihi</i>	<i>krir</i>	<i>katyi</i>	<i>itik</i>
	osso (EGO)	grilo	avó	barriga de grávida

#### b) Nasais

As vogais nasais ocorrem, como as orais, tanto seguidas de silêncio, como de consoante oral e de consoante nasal, daí ser necessário marcá-las com o diacrítico ~ . São elas:

/ã/	<i>ãhãre</i>	<i>ikrã</i>	<i>irã</i>	<i>pãr</i>
	galinha	cabeça	flor	farejar
/ẽ/	—	<i>krẽ</i>	<i>kêkêkre</i>	<i>pẽp</i>
	—	comer	periquito	iniciando
/ĩ/	<i>ĩmpa</i>	<i>krĩ</i>	<i>pĩ</i>	<i>tĩr</i>
	fígado (EGO)	reunião	lenha	vivo
/õ/	<i>õmjiti</i>	<i>Prõtewõre</i>	<i>atõ</i>	<i>katõk</i>
	espinho	Nome próprio	irmão (EGO)	espingarda
/ũ/	—	—	—	<i>kũmxê</i>
	—	—	—	bacuri
/ĩ/	—	—	<i>hỹ</i>	
	—	—	sim	

Nos últimos tempos, 1990/1991, tenho notado a ocorrência de uma vogal baixa central aberta nasal [ã] em alguns falantes do mesmo grupo de meu primeiro informante e do grupo de Tucuruí (por exemplo, o nome de um antigo guerreiro, Ratâtãre). Em função disso, estou combinando novas entrevistas com meu primeiro informante da língua, para testar a natureza dessa ocorrência.

### 3. O sistema consonantal

O sistema é constituído por onze consoantes, nas quais a sonoridade não opera distintivamente, visto que todas as oclusivas são surdas e as demais, sonoras; há duas semiconsoantes sonoras e uma, a fricativa faringal, surda.

As labiais, oral /p/ e nasal /m/, e a velar /k/ formam grupo com a líquida /r/, cuja articulação é [-tensa]; as nasais /m/ e /n/ têm uma realização silábica, quando precedidas de silêncio e seguidas de oclusivas; /h/, em limite de morfema, se realiza como [y] diante de /a/; como [ʒ] diante de /ĩ/e/õ e como [ç] diante de /u/, /ũ/ e /ë/e/ë/.

/p/	<i>pur</i>	<i>ipa</i>	<i>kapràn</i>	<i>rop</i>
	roça	braço (EGO)	jabuti	onça
/t/	<i>tep</i>	<i>ite</i>	—	<i>tetet</i>
	peixe	perna (EGO)		amarelo
/ç/	<i>xêpti</i>	<i>inxê</i>	—	—
	morcego	mãe (EGO)		
/k/	<i>kô</i>	<i>ikô</i>	<i>kruwa</i>	<i>ikuk</i>
	água	piolho (EGO)	flecha	cara
/ʔ/	—	<i>ãhãre</i>	—	<i>ihpa</i>
	—	galinha	—	braço dele
/m/	<i>ma</i>	<i>iama</i>	<i>mra</i>	<i>apam</i>
	vamos!	face	chorar	pai (indireto)
/n/	<i>nã</i>	<i>anã</i>	—	<i>ton</i>
	relator	mãe (indireto)	—	tatu
/r/	<i>rop</i>	<i>irã</i>	<i>kukryt</i>	<i>atar</i>
	onça	flor	anta	ali
/w/	<i>wature</i>	<i>ixwa</i>	—	—
	cego (lâmina)	dente (EGO)	—	—
/y/	<i>jünũre</i>	<i>ikjê</i>	—	—
	beija-flor		—	—
/h/	<i>hôiakatimpei</i>	<i>ihô</i>	—	—
	cacau	pelo (EGO)	—	—

#### 4. Variação na língua da Comunidade Parkatêjê

Embora não tenhamos ainda desenvolvido estudo sistemático da variação espacial e temporal na Comunidade Parkatêjê, temos notado haver entre, de um lado, o grupo do Trinta e o de Tucuruí e de outro o grupo do Maranhão (Imperatriz), variação no timbre das vogais médias [e] ~ [E], [o] ~ [O] [ë] ~ [E]; por outro lado registrei uma variação [e] ~ [Oy].

Em termos de variação temporal, há uma tendência dos mais jovens do grupo “do Trinta” a substituir /i/ por /u/, nítida interferência da língua portuguesa. Esses jovens — quase todos falantes nativos do português, por quem a língua tradicional é paulatinamente incorporada, na medida em que começam a participar de atividades com os mais velhos — também não têm segurança a respeito da ocorrência de todo o grupo das posteriores não-arredondadas /i/, /ë/, /É/, grafados respectivamente *y*, *y*, *à*.

O funcionamento da atual escola de 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> séries, em que língua e cultura Parkatêjê são disciplinas ministradas por dois professores da Comunidade, reforçará, a médio prazo, creio, o trabalho de valorização do uso da língua tradicional e de recuperação da memória da Comunidade pelos jovens, sobretudo pela possibilidade de trabalho conjunto entre os jovens “maranhão”, que dominam mais a língua tradicional, pelo próprio fato de seus pais a falarem preponderantemente.

